

INTERMIDIALIDADE E ENTRELAÇAMENTO DAS IMAGENS EM MOVIMENTOS

NINA VELASCO E CRUZ | UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

RODRIGO GONTIJO | UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Neste século, o cinema se hibridiza de forma cada vez mais orgânica e recorrente, mesclando-se a outras práticas artísticas para ocupar diferentes espaços, como museus, galerias e locais de performance. Desta maneira, o cinema expande seus limites, dialogando com a fotografia, as artes visuais e as novas tecnologias, como a Inteligência Artificial. Este dossiê propõe uma reflexão sobre o cinema na contemporaneidade, explorando suas confluências e fronteiras com outras linguagens artísticas e investigando como essas interações ressignificam a experiência da imagem em movimento, especialmente no contexto brasileiro.

O primeiro texto, “Microespecialização audiovisual na arte contemporânea”, de Danilo Baraúna, discute a microespecialização como um fenômeno que acumula práticas de diferentes épocas, consolidando-se no audiovisual experimental. Ao analisar as relações entre o espaço bidimensional e tridimensional em obras de Ayrson Heráclito, Giselle Beiguelman e Luciana Magno, o autor propõe três categorias – vídeo-espacço, aparelho-espacço e vídeo-distensão. Esse debate prepara o terreno para o artigo seguinte, que investiga os deslocamentos da imagem no trabalho do duo VJ Suave.

Em “As caminhadas audiovisuais do duo VJ Suave”, Gabriela Casper parte da análise de quatro curtas-metragens da dupla Ceci Soloaga e Ygor Marotta e do dispositivo móvel de projeção Suaveciclo. O artigo aponta como essas práticas desafiam os modos convencionais de espectatorialidade, propondo novas formas de percepção e interação entre imagem, espaço e público. Para aprofundar essa abordagem, Capper traz o conceito de Transcinema, proposto por Kátia Maciel, que amplia a noção de cinema para além das telas convencionais.

Dando continuidade à proposta do dossiê de mapear e refletir sobre a produção no campo do cinema expandido, os editores Nina Velasco e Rodrigo Gontijo entrevistaram Kátia Maciel, figura central do audiovisual contemporâneo brasileiro. A con-

versa explora os entrelaçamentos entre cinema, arte, pesquisa e prática ao longo de sua trajetória e aborda também a ideia de Transcinema, termo cunhado por Maciel e que dá título a um de seus livros mais importantes. O conceito de “transcinema” se refere a uma produção audiovisual que ultrapassa os limites tradicionais da tela e se expande para outros formatos e experiências, como instalações, interatividade e performances, ou seja, um cinema em constante expansão, que incorpora novas mídias e experimentações estéticas.

Em “Transbordamentos do cinema pernambucano”, Iomana Rocha apresenta e reflete sobre as obras que experimentam a linguagem do cinema e transbordam para o campo das artes visuais e filmes que incorporam conceitos da arte contemporânea. São elas: *Poema: O filme é a ponta e a ponta é o filme* (1979) de Paulo Bruscky, *Resgate Cultural* (2001) do coletivo Telephone Colorido e *Estás vendo coisas* (2016) de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, além dos filmes *Viajo por que preciso, volto porque te amo* (2009), de Marcelo Gomes e Karin Ainouz, *Pacific* (2010), de Marcelo Pedroso, e *Doméstica* (2012), de Gabriel Mascaro. Essa expansão se conecta com o conceito de “transcinema” de Kátia Maciel, ao romper com as fronteiras tradicionais e explorar novas formas de expressão cinematográfica.

Os hibridismos tecnológicos e as transformações na lógica de produção das imagens em movimento são revisitados no artigo “De-generando a arte generativa: autoria, tecnologia e crítica em três artes do vídeo latinas”, de Márcio Telles. O texto analisa três obras latino-americanas de videoarte com inteligência artificial generativa – *Autoimmune* (Marcos Serafim), *Botannica Tirannica* (Giselle Beiguelman) e *Technological Prometheus Artificiality 1873-2023* (Gilles Charalambos). A pesquisa investiga como essas produções questionam noções tradicionais de autoria, autenticidade e interação humano-máquina, subvertendo as promessas tecnológicas das IAs.

Encerrando o dossiê, apresentamos uma entrevista realizada por Susana Dabal com Claudia Andujar, fotógrafa nascida na Transilvânia, que chegou ao Brasil na década de 1950 e, ao longo dos anos, incorporou marcas da experimentação à sua fotografia documental. Em sua obra, inversões de negativo, sobreposições e borrões de luz transcendem o registro objetivo e se aproximam da cosmovisão Yanomami, numa tentativa de traduzir a dimensão espiritual e subjetiva desse universo. O movimento impresso em suas imagens pode ser compreendido como uma tentativa de desmaterializar a fotografia, deslocando-a do campo documental para o da arte contemporânea e estabelecendo diálogos com os conceitos de cinema expandido e videoarte.